

Sondagens de avaliação arqueológica na Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa (Lousada): procedimentos, métodos e resultados

Paulo Lemos*, Manuel Nunes** e Carla Barbosa ***

Palavras-chave

Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa; sepultura antropomórfica; vestígios osteológicos; buracos de poste

Keywords

Parish Church of São Tiago Maior of Lustosa; anthropomorphic burial; osteological traces; post holes

Resumo

Decorrente do projeto de restauro e requalificação da Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa (Lousada) foram realizadas sondagens de avaliação arqueológica com o intuito de garantir a salvaguarda de eventuais vestígios arqueológicos e osteológicos a afetar pelas obras de requalificação do monumento. A intervenção permitiu confirmar a intensa utilização cimiterial do espaço ao longo de mais de três séculos, sobretudo durante o século XIX. Ainda assim, muito embora o universo das sepulturas escavadas remeta boa parte do espólio exumado para o século XVIII e XIX, a deteção de sepulturas escavadas no saibro, com forma antropomórfica, bem como o registo de diversos buracos de poste, selados por enterramentos datados do primeiro quartel do século XVIII, indiciam a presença de vestígios associados ao momento fundacional do templo.

Abstract

Arising from the restoration and rehabilitation project of the Parish Church of São Tiago Maior of Lustosa (Lousada) there were carried out some archaeological evaluation studies in order to ensure the preservation of any archaeological and osteological traces that could be affected by the works of rehabilitation of the monument. The intervention confirmed the intense use of de graveyard space over more than three centuries, particularly during the nineteenth century. Still, even though the universe of excavated graves remit much of the exhumed remains to the eighteenth and nineteenth century, detection of graves dug directly in the soil, with anthropomorphic form, as well as the registration of several post holes, sealed by burials dated from the first quarter of the eighteenth century, indicate the presence of traces associated with the foundational moment of the temple.

* Arqueólogo (paplemos@gmail.com)

** Arqueólogo (to.nunes@sapo.pt)

*** Antropóloga (silva.ct@gmail.com)

1. Introdução

O projeto, da responsabilidade da Fábrica da Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa (Lustosa, Lousada), visava o restauro e requalificação do respectivo templo paroquial ($41^{\circ}20'18,6''$ N / $08^{\circ}19'13,6''$ O), edificação situada na mesma freguesia, à face da Alameda da Igreja, integrado num núcleo histórico e arquitetónico de interesse patrimonial, do qual fazem parte, também, o edifício do Salão Paroquial, o antigo edifício da Junta da Paróquia e a Capela de São Roque. Para além destes edifícios, o núcleo agrupa ainda o antigo Passal, localizado cerca de 100 metros a este do templo. Trata-se, além do mais, de um edifício inventariado na Carta Arqueológica e Carta de Património do atual Plano Diretor Municipal de Lousada, situação que lhe confere o estatuto de protecção legal decorrente da sua inclusão na carta de condicionantes, integrando as áreas de zonamento arqueológico e proteção ao património edificado (Nunes *et al*, 2008:135). Deste modo, e em resultado da resolução do Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico (IGESPAR, I.P), que condicionou a empreitada a sondagens de ava-

liação prévia, considerou a Fábrica da Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa, solicitar aos dois primeiros signatários deste artigo, uma avaliação arqueológica do edifício e das áreas com potencial arqueológico de forma a mitigar os impactes negativos da obra nos eventuais vestígios arqueológicos e osteológicos existentes no subsolo interior e exterior do templo (Lemos e Nunes, 2012).

O restauro do monumento, cuja intervenção decorreu de um pré-diagnóstico que concluiu do seu elevado estado de degradação (infiltrações e humidades ao nível do telhado, do pavimento e das paredes), pretendia, tal como é apontado na memória descritiva, *valorizar os seus elementos mais significativos e remover aqueles que são considerados como dissonantes, filtrando verdadeiramente aquilo que tem valor patrimonial, o que é único a nível cultural e a nível artístico*. As obras incidiram no interior e exterior do edifício. Internamente, consistiram no isolamento/ impermeabilização interna das paredes laterais ao nível das fundações e ainda na renovação e, em certos setores, no rebaixamento, do piso da nave, da capela-mor e da sacristia). No exterior, resumiram-se à execução de um sistema de drenagem em toda a envolvente do edifício (fachada, alçado lateral norte, este e sul).



Figura 1. Localização relativa da Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa (CMP: 1.25 000 - folha 99).



Figura 2. Localização da Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa face ao núcleo edificado próximo.

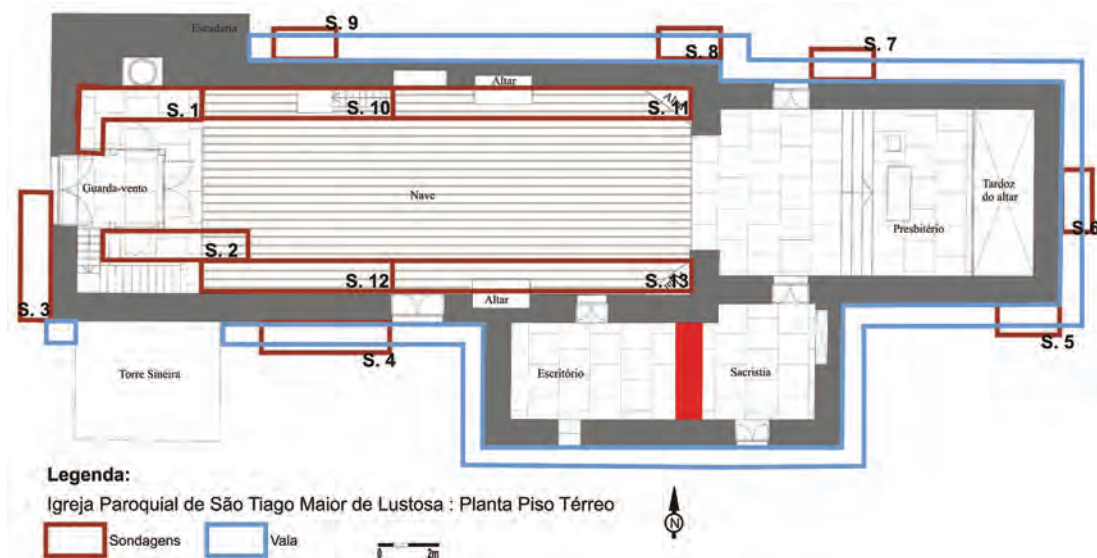


Figura 3. Planta da Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa – Piso Térreo, com implantação das sondagens de avaliação arqueológica e da vala exterior.

As sondagens de avaliação prévia, sob o acrónimo IPL.12, foram executadas entre os meses de julho e agosto de 2012, tendo os trabalhos de acompanhamento arqueológico decorrido durante o mês de julho de 2013.

Para a escavação das sondagens de avaliação arqueológica os estratos foram decapados manualmente até ao geológico granítico recorrendo-se a pequenos instrumentos, como o colherim e o pico. Os dados arqueológicos foram registados em fichas manuais onde constam as descrições estratigráficas e o espólio recolhido. Foram igualmente registados fotograficamente, e em desenho, os perfis mais representativos, os planos intermédios e finais. Com base nesta premissa foram implantadas 13 sondagens de avaliação arqueológica, ocupando uma área total de 73,47 m².

2. Breve enquadramento histórico

A Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa apresenta fachada simples e austera em termos decorativos, ostentando um pórtico em madeira encimado por um lintel liso rematado em frontão triangular interrompido, adossado à parede, e ornamentado com uma cruz latina ladeada por pináculos. Na parte superior da fachada principal existe uma rosácea em forma de cír-

culo. Todo o conjunto é encimado por uma cruz latina fixa numa base ornada de volutas localizada no vértice do telhado. Ladeando a cruz, nos extremos, encontram-se dois pináculos piramidais. No interior da igreja, para além do altar principal na capela-mor, subsistem quatro altares no corpo da nave (dois colaterais e dois laterais) situados junto ao arco principal de granito. De destacar ainda, para além da presença de um púlpito com escadaria adossado à parede norte, a presença de vestígios de pintura mural, bem visíveis no arco principal e nos cachorros que sustentam a estrutura do coro-alto.

Segundo a tradição popular, que encontra eco em algumas fontes, a primitiva Igreja de Lustosa terá sido a de um antigo mosteiro no lugar de



Figura 4. Fachada poente e sul da Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa.

Paredes Secas, reedificado pela rainha D. Teresa (Gomes e Arruela, 1996:95-96) e que “*viria a ser induzido [reduzido] a abadia secular, posteriormente*” (Costa, 1706:380; 2009:336). Ainda assim, e pese embora a ausência de vestígios atuais que atestem a persistência do templo primitivo da paróquia, a primeira referência documental à terra de Lustosa surge com data de 1059¹ (Doc. CCCXX, 1059:257-262). Em 1220 encontramos a primeira referência direta à paróquia e Igreja de Lustosa: *Sancto Jacob de Lestosa*, do então Termo de Ferreira (PMH Inq. 1220:260; Lopes, 2004:244). Já em 1258 (PMH Inq. 1258:560; Lopes, 2004:244-245), constata-se que o padroado da *Eclesia Sncti Jacobi de Listosa* pertencia aos cavaleiros Ferrazes e herdutores e a sua confirmação dependia do arcebispo de Braga.

A atual Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa corresponde a um edifício de provável fundação seiscentista. Dos inícios da sua construção será de considerar a nave, tendo o restante sido alvo de profundas alterações realizadas nos séculos XVIII e XIX, tal como aconteceu com a capela-mor que foi alvo de uma renovação no século XVIII (Almeida: 1995) e da torre sineira que foi reformulada no século XIX. Esta última reformulação é facilmente comprovada pela presença de uma inscrição memorativa que se conserva no alçado sul da torre, inscrita numa cartela lisa de ângulos côncavos e cuja leitura é a seguinte: *Foi feita por esmolas da freguesia em 1848 por Manoel Maria* (Nunes e Lemos, 2013:75-77).

A descrição mais antiga conhecida deste templo é-nos proporcionada pelo abade Manuel Marques que, em resposta ao inquérito paroquial de 1758, a descreve nos seguintes termos: *O orago desta freguezia hé o Apostolo Samtiago. Tem cinco altares, a saber, o altar mar onde está colocada o Santissimo Sacramento, e para a parte do Evangelho tem a Igreja o altar de Nossa Senhora do Rozario e o das Almas. E para a parte da Epistola, o altar do Santo Nome e o do Senhor da Agonia, feito pelo insigne escultor chamado a Barrocas. E nesta Igreja*

há raras pinturas feitas por tres insignes pintores irmaos, que existiram no seculo passado, oriundo na freguezia de SamJoao das Caldas, termo da villa de Guimaraes, arcebisado Primaz. Tem huma irmandade das Almas, de que hé protetor o Apostolo Sam Thomé. E tem mais a confraria do Nome de Deos, e tem a confraria do Santissimo Sacramento, e a de Nossa Senhora do Rozario, e também huma de Sam Sebastiao. Tem também hua torre com dous sinos (Capela, 2009:315-315).

As Memórias Paroquiais de 1758, não validando claramente o seu período fundacional, corroboram a existência do templo desde, pelo menos, o século XVII. O memorialista referia-se ao trabalho de douramento e pintura do retábulo-mor da Igreja de Lustosa cuja execução esteve a cargo de Francisco Álvares da Rocha, morador em Carvalhosa, freguesia de Beire, Paredes, e Manuel Monteiro, morador da Ponte das Caldas, freguesia de São João das Caldas (Vizela), ambos pintores. O contrato de adjudicação do trabalho foi celebrado a 6 de junho de 1666 entre a confraria do Santissimo da freguesia de Lustosa e os referidos pintores, pelo valor total de 160 000 réis. A obra deveria ficar concluída até ao fim do mês de agosto de 1667 (Pinho-Brandão, 1984:353-355). Esta referência, para além de, mais uma vez, fixar a Igreja na 2.ª metade do século XVII, sugere que a mesma se encontrava, por essa altura, em fase de reforma interior, fruto, provavelmente, de uma remodelação arquitetónica.

Relembre-se que, a propósito do povoamento da freguesia, ainda em 1758 se dava conta nas Memórias Paroquiais que *a Igreja está fora de lugar*, isto é, que não tinha aldeias (lugares povoados) nas proximidades. Desde modo, e atendendo a que as *Constituições Synodales do Arcebisado de Braga* ordenadas em 1639 pelo arcebispo Sebastião de Matos e Noronha, e publicadas em 1697 (cit. por Moreira: 1971a:126), enfatizavam a necessidade de o visitador verificar *se está a Igreja em lugar tam ermo, que corra perigo provável de ser profanada, ou roubada, para nos avisar, que a*

¹ Neste documento encontramos diversas referências a lugares da atual freguesia de Lustosa (e.g. Cristelo, Sanguinhedo) e ainda à desaparecida Igreja de S. Mamede – na opinião de Domingos Moreira (1971b:348), tratar-se-ia de um simples curato efêmero – cujo topónimo permanece na raia entre as freguesias de Lustosa e Santo Estêvão de Barrosas.

mandemos mudar para outro mais conveniente, só é possível entender a manutenção do edifício em local ermo (fora de lugar) se, efetivamente, a situação fosse o resultado de uma mudança anterior da localização da Igreja, a partir do seu local primevo, possivelmente nas proximidades da antiga villa medieval de Paredes Secas, para o espaço que ainda hoje ocupa. Apesar de crível, trata-se de uma conjectura e, por isso, carente de sustentação documental ou arqueológica. Na falta da primeira, foi por via da segunda que se procurou firmar a época de construção da atual Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa.

O estudo dos livros de assentamentos de óbitos de São Tiago de Lustosa, cujo registo mais antigo remonta a 1622, apontava, de antemão, a existência de espaços de enterramento no interior e no exterior da Igreja. De acordo com estes assentamentos, embora fosse prática comum os enterramentos ocorrerem tanto no interior como no exterior do templo (adro), estes últimos foram largamente privilegiados em relação aos primeiros. Verifica-se que o primeiro enterramento documentalmente confirmado no interior da Igreja data de 19 de dezembro de 1625, enquanto o segundo ocorre apenas em 22 de setembro de 1629. Já no adro, no mesmo período de tempo, registam-se 12 enterramentos (ADP/LRP-FL:1622-1663). Esta prática manteve-se até ao século XIX, concretamente até 1888, altura em que as inumações passam a ser feitas unicamente no adro da Igreja.

Em 1898, com a construção do cemitério paroquial, os enterramentos abandonam definitivamente o espaço do templo, concretamente o interior da capela-mor onde se procedeu à inumação de algumas figuras ilustres, de entre as quais se destaca Frei Joaquim de Santo Agostinho de Brito França Galvão, em memória do qual ali subsiste uma placa evocativa².

3. Intervenção arqueológica

3.1. Interior da Igreja Paroquial

As 6 sondagens implantadas no interior da Igreja foram abertas no sentido O-E, adossadas aos alçados interiores, totalizando uma área intervencionada de 53,02m². Três das sondagens foram implantadas no interior norte da Igreja, designadamente a Sondagens 1, 10 e 11. A divisão deste espaço em três grandes áreas de ação respeitou os limites internos existentes. Deste modo, a sondagem 1 foi delimitada pela parede oeste da nave e o batistério, a sondagem 10 foi circunscrita pelo batistério e a escadaria de acesso ao púlpito, encontrando-se a sondagem 11 limitada entre a referida escadaria e a parede sul do presbitério. Paralelamente, no interior sul da Igreja foram abertas 3 sondagens, concretamente as Sondagens 2, 12 e 13. A divisão deste espaço em três áreas de intervenção observou, de igual modo, os limites internos existentes. A sondagem 2 foi implantada no guarda-vento, na envolvente da escadaria de acesso ao coro-alto, a sondagem 12 ficou circunscrita pelo guarda-vento e a porta lateral sul, e a sondagem 13 entre a porta lateral sul e a parede sul do presbitério.

Aquando do início dos trabalhos arqueológicos, a área de implantação da sondagem 1 e da sondagem 2 conservava o pavimento original do guarda-vento, composto por um lajeado granítico de grandes dimensões, ainda *in situ*, ostentando duas das lajes gravações de epitáfios. Sob o lajeado foram identificadas diversas unidades sedimentares, que se revelaram bastante remexidas.

Na área de implantação das sondagens 10 a 13, após a remoção do piso de circulação em madeira existente na nave central da igreja, ficou perceptível um alinhamento de pedras graníticas

² Nascido no ano de 1767 em Tavira foi Eremita Calçado de Santo Agostinho, tendo-se Licenciado em Teologia pela Universidade de Coimbra tornando-se posteriormente sócio da Real Academia de Ciências de Lisboa. No ano de 1788 recolheu, em Tavira, a Crónica da Conquista do Algarve, tendo igualmente localizado e trasladado os Capítulos de Cortes relativos ao Algarve. Mais tarde, em 1799, foi nomeado Abade de Lustosa e em 1822 torna-se deputado às cortes ordinárias, sendo agraciado em 1823 com a Comenda da Ordem de Avis. Faleceu a 4 de junho de 1848, tendo a sua biografia sido redigida por João Batista da Silva Lopes, a mando da Real Academia de Ciências.



Figura 5. Interior da Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa antes da remoção do pavimento em madeira.



Figura 6. Interior da Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa após a remoção do pavimento em madeira.

de apoio ao assentamento do travejamento do soalho em madeira, dispostas no sentido O-E. Após o registo pormenorizado desta unidade procedeu-se à sua remoção.

No limite NE da sondagem 11 e no limite SE da sondagem 13 foram identificadas diversas unidades de aterro diretamente relacionadas com o altar do Menino Jesus e com o altar de Nossa Senhora, respetivamente. Estas unidades encontravam-se alteadas, aproximadamente 0,70 m, em relação à base da estrutura, que servia de apoio ao piso de circulação em madeira existente na nave da igreja. Estas unidades assentavam diretamente no geológico granítico natural não tendo sido identificado quaisquer outros vestígios arqueológicos.

Na área correspondente às sondagens realizadas no interior da Igreja foram identificadas cinquenta e seis sepulturas (S). Destas foram integralmente escavadas quarenta e cinco, designadamente S3, S8 a S13, S15, S17 a S52 e S63.

De entre estas mais de metade ($n=30$), concretamente a S3, S8, S10 a S12, S15, S18 a S21, S23, S24, S26 a S30, S33, S34, a S36, S37, S41 a S44, S46 e S48, S49, S51, S52, patentearam indivíduo em inumação primária, enquanto as restantes não revelaram quaisquer vestígios de inumação, apresentando somente fragmentos de caixão e/ou unidades de escassa potência. As S14, S16, S53 a S61 foram apenas identificadas, procedendo-se ao seu registo, não tendo sido porém objeto de qualquer ação intrusiva.

A totalidade das sepulturas apresenta uma orientação canónica O-E (cabeça/cabeceira orientada a oeste e pés a este), à exceção da S46 que foi implantada no limite oeste da nave da igreja, junto à entrada da mesma, num claro aproveitamento do espaço interno, mas em que a posição de inumação do indivíduo primário respeita, todavia, as orientações canónicas.

Os sepultos detetados nestas sondagens correspondem a enterramentos em caixão, à exceção da S18, S22, S23, S41 e S42, que se encontravam escavadas no geológico granítico natural. Estas sepulturas chegaram até nós pelo facto de terem sido seladas por estruturas posteriores. A S18 e a S23 encontravam-se no limite sudeste da sondagem 13 sob o aterro relacionado com o altar de Nossa Senhora. As S41 e S42 encontravam-se sob a escadaria de acesso ao púlpito situado junto à porta norte da nave central da igreja. Finalmente, a S22 foi identificada sob a escadaria de acesso da porta lateral norte, nas imediações da S42. A S41 apenas se encontrava conservada no seu limite este, numa

superfície de cerca de 1 m, tendo revelado um indivíduo em inumação primária, orientado no sentido O-E, do qual apenas eram perceptíveis restos ósseos da perna esquerda. A S42 apresentando uma forma claramente antropomórfica, com 1,45 m de comprimento por 0,45 m de largura máxima. Do indivíduo em inumação primária, apenas foram detetados restos do crânio. De entre as sepulturas escavadas no geológico granítico natural apenas a S22 não revelou vestígios de inumação primária, pese embora os vestígios ósseos encontrados nas restantes ser bastante residual e fragmentado.

Tal como aponta Mário Barroca (1987:127), as sepulturas escavadas no geológico granítico natural são indiferenciadas. Dadas as suas diferentes configurações, e uma vez que não apresentam uma forma definida, não ostentam cabeceira nem contorno dos ombros, limitando-se a uma simples depressão escavada com uma forma tendencialmente oblonga. Esta tipologia de enterramento apresenta uma extensa amplitude cronológica, que pode ir desde a Época Medieval até à Época Moderna. Não sabemos durante quanto tempo na Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa se enterraram os mortos amortalhados em sepulturas escavadas no geológico granítico natural. Os enterramentos posteriores apresentavam todos indícios da existência de caixões, pelo que podemos inferir que as formas de enterramento em caixão serão as mais recentes de todo o espaço interno do templo, correspondendo aos últimos momentos de utilização da área como espaço sepulcral (Séculos XVIII e XIX).

Referência para a S34, localizada imediatamente a oeste da escadaria de acesso ao púlpito onde foi descoberto um indivíduo em inumação primária, orientado no sentido O-E, mas em posição de decúbito ventral.

Os trabalhos permitiram ainda identificar a vala fundacional da parede norte e sul da igreja bem como seis buracos de poste escavados no geológico granítico natural. Os três primeiros na área interior norte da nave da igreja, designadamente defronte do batistério e a menos de 1 m do mesmo, e os restantes dois a norte da S55, tendo o primeiro sido ligeiramente truncado por esta. O primeiro ostentava um diâmetro de 12 cm e revelou a presença de um pedaço de madeira (22 cm de comprimento e c. 11,5 cm de diâmetro), que o preenchia na totalidade. Relativamente ao segundo, tratava-se de um buraco de poste de menores dimensões, apenas com cerca de 6 cm de diâmetro. Em relação aos restantes três buracos de poste estes foram



Figura 7. Sepultura 10.



Figura 8. Sepultura 12.



Figura 9. Sepultura 15.



Figura 10. Sepultura 26.

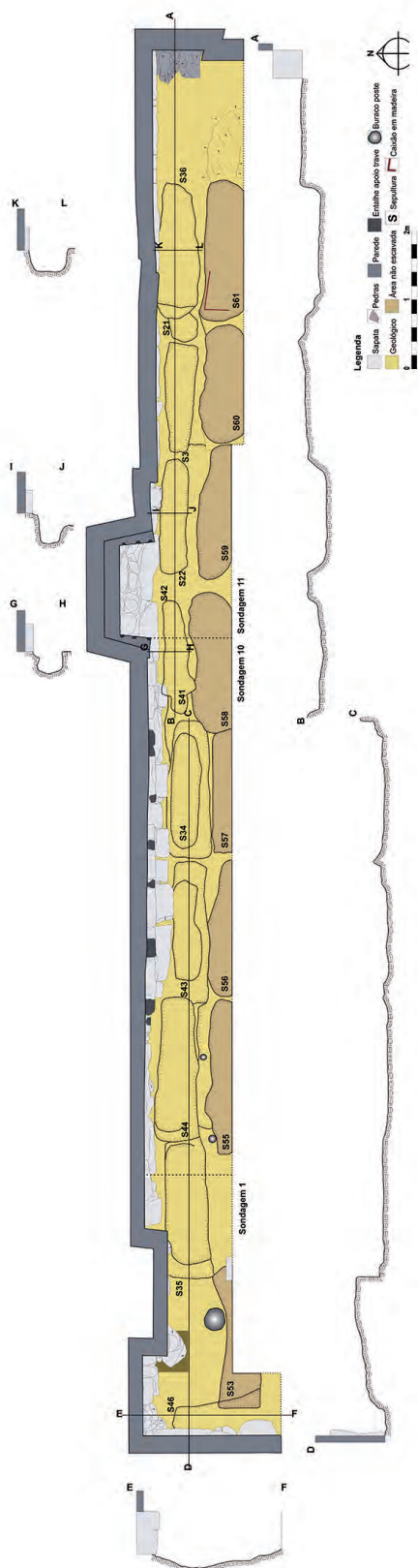


Figura 11a. Plano final das Sondagens 1, 10 e 11.

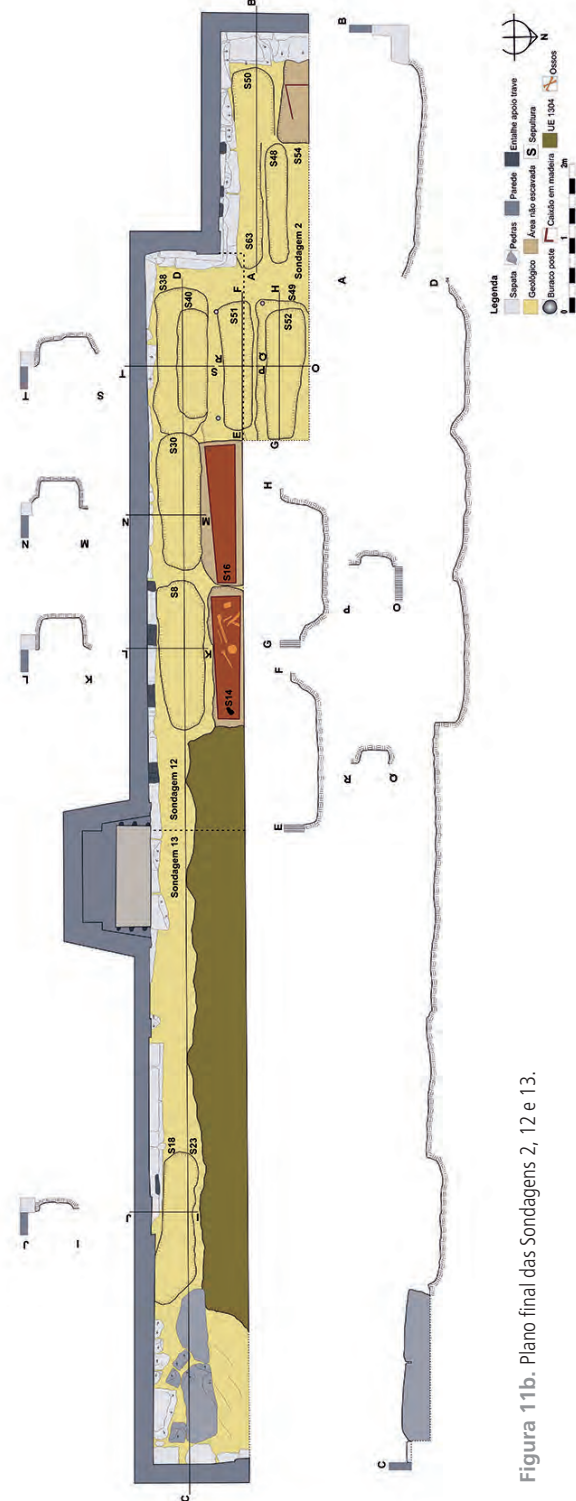


Figura 11b. Plano final das Sondagens 2, 12 e 13.

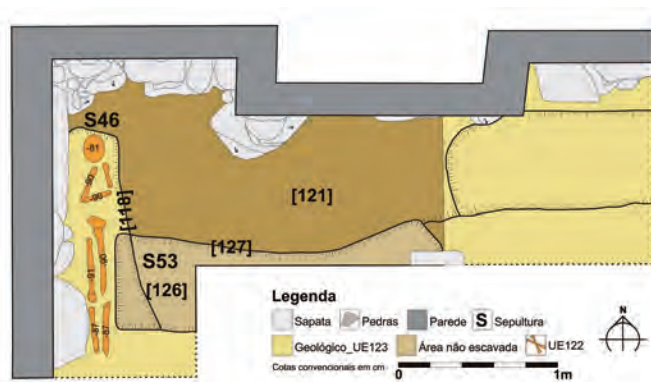


Figura 12. Desenho da Sondagem 1, Sepultura 46.



Figura 13. Sepultura 46.



Figura 14. Sepultura 18 e Sepultura 23.



Figura 15. Sepultura 22.



Figura 16. Sepultura 42.



Figura 17. Sepultura 34.



Figura 18. Buracos de poste identificados defronte da Sepultura 55.

perceptíveis na área interior sul da nave da igreja, o primeiro no limite NO da S49 e os restantes dois no lado sul da S51. Ostentavam todos um diâmetro similar a rondar os 5 cm.

3.2. Exterior da Igreja Paroquial

As 7 sondagens implantadas no exterior da igreja foram adossadas aos alçados exteriores, numa área intervencionada que perfaz os 20,45m² (Fig.4).

Não obstante o facto de cada sondagem apresentar características específicas e realidades particulares do terreno, elas só podem ser compreendidas no seu conjunto, enquanto testemunhos das fases ocupacionais que o espaço envolvente ao templo foi sofrendo nas últimas décadas. Ainda que a escavação de algumas sondagens tenha sido célere, ao encontrar de forma rápida o geológico natural (Sondagem 4, Sondagem 7, Sondagem 8 e Sondagem 9), outras houve que envolveram a remoção de um maior volume de terras antes de atingir o afloramento granítico (Sondagem 3, Sondagem 5 e Sondagem 6). A diferença está diretamente relacionada com as disparidades topográficas que o terreno envolvente ao templo apresenta, uma vez que a norte e a sul o afloramento granítico se encontra a cotas mais elevadas diminuindo significativamente em direção a oeste e a este.

Deste modo, os trabalhos no exterior da Igreja revelaram uma sucessão de unidades de aterro relacionadas com o assentamento do piso de circulação atual, composto maioritariamente por pedras de granito de médias a grandes dimen-



Figura 19. Sepultura 2.

sões, muito irregulares, com a exceção do lajeado existente defronte da porta oeste da nave da igreja. Nesse local, o pavimento era composto exclusivamente por lajes graníticas de grandes dimensões ostentando, cinco delas, gravações (cinco cruciformes). As lajes encontravam-se dispostas no sentido N-S, ocupando uma área de 27 m² (8,7 m x 3,1 m).

Nas sondagens implantadas no exterior da Igreja foram identificadas dez sepulturas, concretamente a S1, S2, S4 a S7, S62 e as S64 a S66. Todas as sepulturas apresentavam orientação canónica. De entre as sepulturas identificadas, somente as S1 e S2 foram escavadas. Relativamente à S1 foi identificada na sondagem 9, encontrando-se escavada no geológico natural. Apresentava 1,7 m de comprimento e revelou um indivíduo em inumação primária em mau estado de conservação. No que se refere à S2, identificada na sondagem 4, apresentava-se escavada no geológico natural, sendo delimitada por oito pedras de granito de grandes dimensões perfazendo 1,9 m de comprimento. A S2 encontrava-se truncada no seu limite este pela S4, que lhe é posterior. Primeiramente revelou um nível de ossos dispersos, seguido de uma camada de depósito que confir-

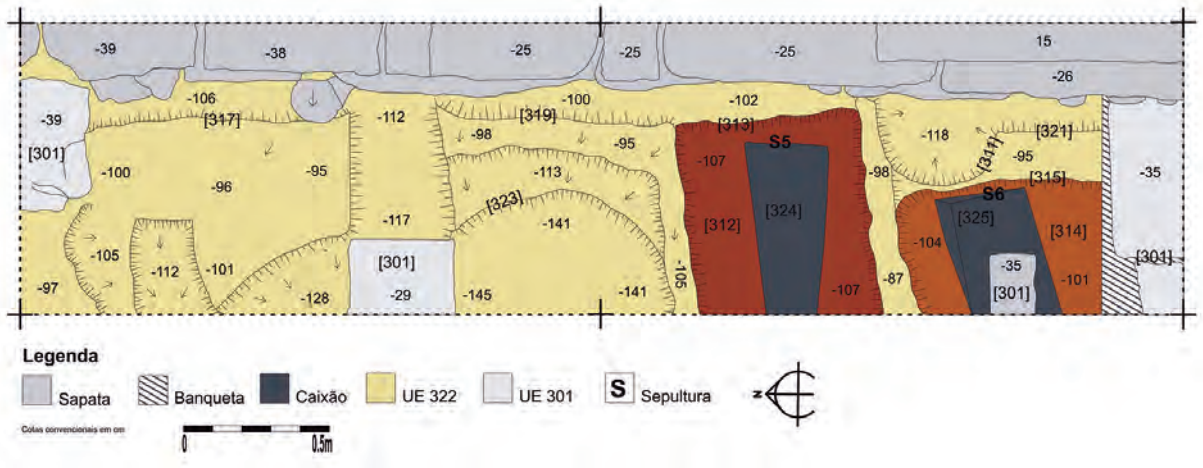


Figura 20. Sepulturas 5 e 6.

ma a reutilização do espaço sepulcral. Sob estas unidades foi identificado um indivíduo em inumação primária em bom estado de conservação.

Para a totalidade das restantes sepulturas identificadas – S4 a S7 e S62 – não foram realizados trabalhos de alargamento com vista a uma eventual definição das mesmas, uma vez que tal não se revelou necessário à execução dos trabalhos de restauro do edifício. A S5 e a S6 foram localizadas no limite SO da sondagem 3, correspondendo a dois enterramentos em caixaão com revestimento de chumbo. A S4 e a S7, presentes na sondagem 4, bem como a S62, identificada na sondagem 9, correspondem a sepulturas escavadas no nível geológico natural, delimitadas por pedras de granito de grandes dimensões.

Uma última referência para as três inumações identificadas aquando dos trabalhos de acompanhamento arqueológico da abertura de uma vala envolvente à igreja – S64, S65 e S66 – todas situadas na área envolvente à sondagem 4, entre a parede este da torre sineira e a parede oeste do escritório. As sepulturas encontravam-se inteiramente delimitadas por pedras de granito de médias a grandes dimensões, com uma orientação O-E. Dadas as características da vala, concretamente a sua escassa profundidade e largura, estas inumações apenas foram identificadas e registadas, não se tendo procedido à sua escavação.

Ainda nas áreas correspondentes às sondagens implantadas no exterior da Igreja foram identificadas três estruturas. A primeira corres-

ponde a um muro – estrutura [507] – identificado na sondagem 5 com uma orientação O-E, paralela à parede sul da capela-mor. Este muro era composto por grandes blocos graníticos alinhados em duas fiadas, com a inclusão de pequenas pedras igualmente de granito de pequenas dimensões que lhe servem de miolo, assentando diretamente no geológico granítico natural. O muro foi truncado aquando do momento construtivo da capela-mor, revelando-se deste modo anterior.

Na sondagem 6 foi igualmente identificado um muro – estrutura [607] – localizado no canto SE da mesma, com uma orientação N-S, paralelo à parede este da capela-mor. Com uma extensão inferior a 0,45 m, o muro compunha-se de duas

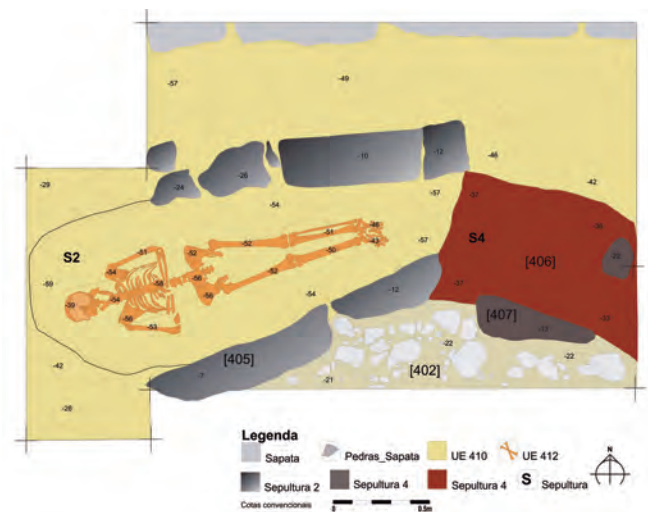


Figura 21. Sondagem 4, Sepultura 2.

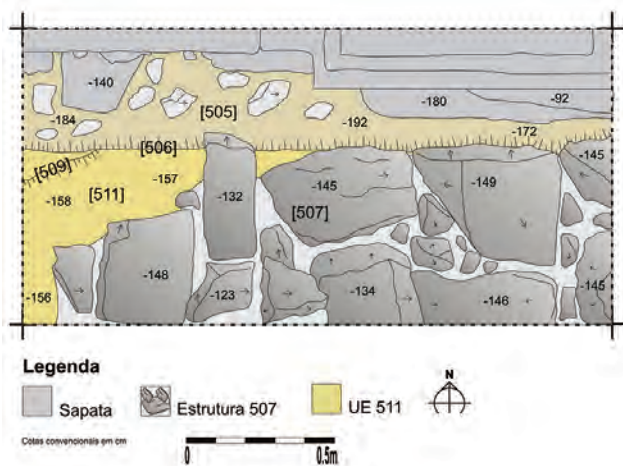


Figura 22. Desenho plano final Sondagem 5.

fiadas de pedras graníticas, toscamente afeiçãoadas sem argamassa nos interstícios. Imediatamente abaixo desta estrutura foram identificadas mais duas unidades de aterro que aparentemente tinham como finalidade regularizar/nivelar o terreno para conferir uma maior estabilidade à estrutura. Aquando da construção da capela-mor o muro acabou por ser truncado pela nova edificação, situação que comprova a sua cronologia anterior.

Finalmente, uma derradeira nota para mais um tramo de muro – estrutura [811] – detetado no limite NE da sondagem 8. Com orientação NO-SE, sensivelmente paralelo à parede norte da nave, e uma extensão de 1,25 m, o muro integra pedras de granito de médias a grandes dimen-

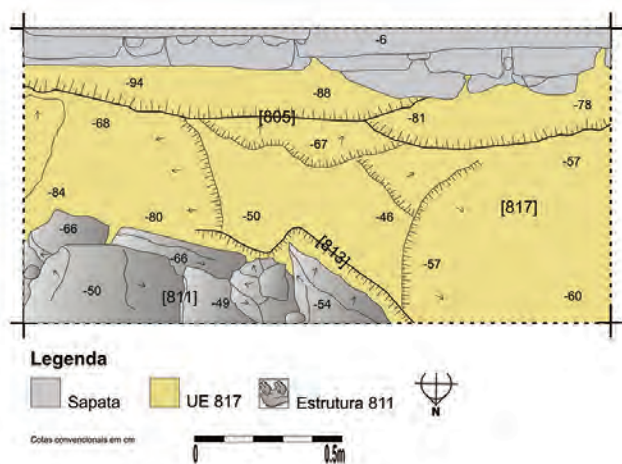


Figura 24. Desenho plano final Sondagem 8.



Figura 23. Sondagem 5.



Figura 25. Sondagem 8.

sões, alinhadas em duas fiadas, com inclusão de pequenas pedras de granito de pequenas dimensões que lhe servem de miolo.

3.3. Espólio exumado

O espólio proveniente da intervenção levada a cabo na Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa pode ser dividido em duas categorias: material integrante do mobiliário funerário (pregos, revestimento caixão) e peças de adorno ou vestuário (moedas, rosários, terços, dezenas, cruzes, botões, fivelas, alfinetes, colchetes, colares, pulseiras, brincos, medalhas, solas de sapato). Além de toda esta panóplia de espólio funerário foram igualmente identificados materiais não relacionados diretamente com as inumações, designadamente cerâmica de construção, olaria doméstica, vidros e uma ferradura. O espólio arqueológico totalizou assim 8077 objetos repartidos entre cerâmica (n=3152), metal (n=2843),



Figura 26. Tijolo de morfologia maneirista.

vidro (n=151), revestimento de caixões (n=9), vestuário/adornos (botões) (n=158) e contas de rosários/terços (n=1764).

O espólio cerâmico foi o material mais recolhido (39%), estando presente no conjunto das sondagens efetuadas, ainda que repartido de forma muito desigual entre cerâmica de construção (n=2673) e cerâmica de uso doméstico (n=479). A cerâmica de construção (telha de meia cana e tijolo) corresponde a material de cronologia moderna e contemporânea, fragmentado, por vezes até formalmente incomparável.

A olaria doméstica é proveniente, maioritariamente, do espaço do adro. A maior quantidade de fragmentos aí coligidos comprova um maior revolvimento do terreno em décadas recentes, sendo a sua quase totalidade procedentes de unidades de aterro relacionadas com as ações de nivelamento da área envolvente ao edifício para assentamento do piso de circulação. A análise do mesmo revelou que as cerâmicas recolhidas são, na sua maioria, de uso doméstico e de produções modernas e contemporâneas, repartidas por três grandes grupos: cerâmica comum, faianças e vidrados de chumbo.

O espólio metálico contabilizou 35,2% do material recolhido, encontrando-se repartido entre pregos, moedas e material diverso.

Os pregos (n=2697) são todos de pequenas a diminutas dimensões, sendo que destes apenas 30% estavam diretamente relacionados com inu-

mações em caixões de madeira, provindo os restantes de unidades superficiais, muito remexidas pelos sucessivos níveis de enterramentos.

De entre o espólio recolhido de salientar a grande quantidade de numismas (n=91). Contudo, não foi possível atribuir cronologia a grande parte destas moedas. No que diz respeito à sua distribuição, 85 moedas são procedentes das sondagens realizadas no interior do templo, por contraponto das 6 recolhidas no adro. Dos numismas recolhidos regista-se que 38 das moedas não se encontravam associadas a inumações, sendo provenientes de unidades superficiais. Os restantes 53 numismas foram recuperados em posições diretamente associadas ao indivíduo primário, concretamente na zona do tórax e junto aos coxais. Foi recolhido espólio numismático em 29 dos sepulcros, com uma repartição desigual. Em 14 sepulturas regista-se a presença de somente um numisma, enquanto nos restantes o número aumenta, ocorrendo túmulos com dois numismas (n=8), com três numismas (n=6) e ainda um sepulcro com cinco numismas (S29). A quantidade de espólio numismático associado a cada sepulcro encontra-se diretamente associada à sua cronologia, ostentando os enterramentos mais recentes maior quantidade de moedas, contrariamente às inumações mais antigas, que revelaram escassa presença ou mesmo ausência de numismas.

O restante espólio metálico recolhido equiva- le a material diverso (n=55), repartido entre crucifixos (n=16), medalhas (n=11), fivelas (n=11), colchetes (n=3), brincos (n=2), ramos de flores (n=2), colar, pulseira, estrela, botão e uma ferra- dura, todos em igual número (n=1). Este espólio foi coligido, na sua quase totalidade, no interior da igreja e, à semelhança dos restantes objetos recolhidos, cerca de metade não se encontravam associadas a inumações. Em apenas 31,1% dos sepulcros (n=14) foi encontrado espólio metálico diverso, designadamente nas S11, S12, S15, S17, S18, S21, S26, S28 a S31, S37, S47 e S48.

O espólio vítreo recolhido corresponde a material de pequenas dimensões, repartido entre fragmentos de vidros pertencentes a janelas



Figura 27. Moeda do século XVIII, envolta numa oração impressa em papel, exumada da Sepultura 27.

(n=83), a garrafas e a jarras (n=11), sendo uma grande parte (n=57) de cariz indeterminado, encontrando-se associados a unidades de aterro recente (contemporâneas), relacionadas com os níveis de regularização do adro e as obras de reformulações efetuadas no edifício.

Referência ainda para a roupa dos inumados tendo sido recolhidas diversas peças relacionadas com a indumentária fúnebre, de que se destaca um considerável número de botões, em unidades diretamente relacionadas com as inumações (n=9), concretamente na S9, S11, S12, S20, S24, S26 a S28 e a S49. De salientar que estas inumações correspondem aos últimos níveis de enterramento no espaço interno do edifício, motivo pelo qual apenas nestas foram identificadas peças de vestuário associadas ao indivíduo primário.



Figura 29. Contas provenientes da Sepultura 37.

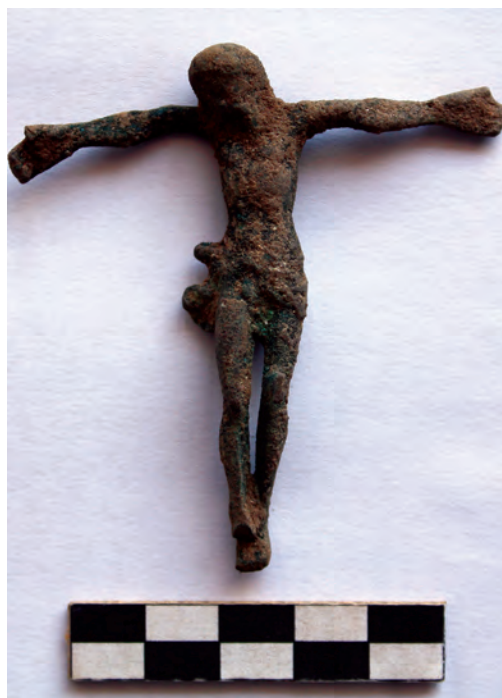


Figura 28. Crucifixo proveniente da sondagem 11 [UE1104].

Finalmente, de destacar a recolha de objetos de cariz iminentemente religioso, nomeadamente contas de rosários, terços e dezenas. Este espólio, intimamente relacionado com os crucifixos e medalhas equivale a cerca de 22% do total recolhido na intervenção. As contas identificadas no adro (n=7) são todas provenientes da Sondagem 4, encontrando-se associadas ao indivíduo em inumação primária da S2. As restantes foram recolhidas no interior do templo, onde cerca de 75% se encontravam associadas a inumações, concretamente as S2, S3, S8, S10 a S12, S15, S17, S19 a S22, S24, S26 a S34, S36 a S39, S42 a S45, S47, S48, S51 e S52.

3.4. Inscrições e siglas de pedreiro

A remoção de toda a argamassa das paredes interiores do edifício, bem como do travejamento e do soalho, possibilitou uma perspetiva complementar àquela fornecida pelas escavações. O varrimento fotográfico de todos os silhares interiores permitiu identificar diversas siglas de pedreiro, nomeadamente nas pedras de cantaria produzidas de raiz, como as pedras do arco de um dos altares laterais. Para além disso, consta-

tou-se que boa parte da pedra utilizada na construção da Igreja era reaproveitada, com diversos silhares a ostentarem formas e compleições ajustadas às novas localizações por força do desbaste posterior com pico. Este facto, curioso, embora não inédito, acabou por ditar o registo de dois silhares de particular interesse iconográfico. Um primeiro, localizado no topo da parede interior sul da nave, onde é perceptível o contorno de uma vieira, símbolo dos romeiros de Santiago, e um segundo, situado no cunhal exterior da parede da nave, na interseção com o volume setecentista da capela-mor, onde pontua, para além de uma sigla de pedreiro, uma cruz de Santiago.

Decorrente ainda dos trabalhos de registo fotográfico dos muros que delimitam o adro da igreja, foram identificados três silhares reaproveitados que ostentavam inscrições. O primeiro exibía a data de 1749, encimado por uma covinha, encontrando-se em posição invertida, o segundo ostenta a inscrição «feis», encontrando-se parcialmente tapada por outra pedra e, o último, exibe uma inscrição cuja leitura «oifipi», por força da descontextualização crono-cultural, impossibilita o entendimento do seu significado.

4. Análise antropológica

O estudo dos restos ósseos e dentários, sendo os únicos registos dos seres humanos, enquanto entidade biológica integrados num determinado contexto ambiental e cultural, converte-se numa forma de compreender os hábitos das populações do passado através da análise das dietas, doenças, lesões, atividade física, stresse fisiológico e história demográfica. Saber quem (e como) era inumado num determinado local, qual a possível atividade ocupacional exercida em vida, o tipo de patologias detetadas, associado a possíveis relações de parentesco entre indivíduos inumados proximamente, torna-se num desafio que possibilita traçar um quadro abrangente sobre o *modus vivendi* de uma amostra populacional num circunscrito período de tempo. Os remanescentes ósseos recuperados convertem-se, assim, num veículo fundamental para conhecer fisicamente os Homens, as suas relações sociais, crenças, pa-



Figura 30. Desenho de silhar com gravação parcial de uma vieira, reaproveitado no atual aparelho da Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa.

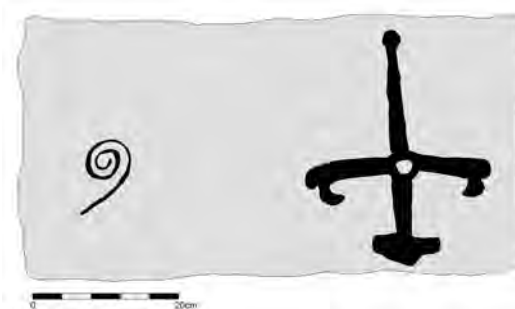


Figura 31. Desenho de sigla de pedreiro e de cruz de Santiago, presentes num silhar do aparelho da Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa.



Figura 32. Desenho de data presente num silhar reaproveitado no muro delimitador do adro da Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa.

decimentos, circunstâncias que rodearam a sua morte, para além dos factos ocorridos *post mortem*.

Deste modo, pretendemos dar a conhecer os dados antropológicos recolhidos no decurso dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos na Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa, particularmente as características relativas à An-



Figura 33a. Registro fotográfico da inscrição identificada num silhar reaproveitado no muro do adro da Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa.

tropologia Funerária, à Tafonomia e à Análise Paleobiológica, ainda que estes resultados sejam preliminares, uma vez que carecem de uma análise mais aprofundada, pois há parâmetros que só podem ser estudados em laboratório após a limpeza das peças ósseas exumadas e reconstrução das que se encontrem fragmentadas. Assim, a análise morfológica dos indivíduos exumados, que engloba a estatura, robustez, achatamento, índice craniano, características morfológicas não métricas e afinidades populacionais, não foi aqui abordada.

4.1. Metodologia

Como o registo arqueológico e antropológico que se pretende obter de um contexto de necrópole está dependente não só da integridade do material osteológico humano e espólio associado, mas também de uma correta escavação e posterior tratamento do material, durante as intervenções foram adotados procedimentos que permitiram maximizar e preservar a informação



Figura 33b. Desenho de inscrição identificada no silhar reaproveitado.

recolhida. Durante a escavação realizou-se uma decapagem cuidadosa das inumações primárias e secundárias e exposição de todas as peças ósseas antes do levantamento. Posteriormente, as informações relativas à morfologia das sepulturas, ao tipo de enterramento e aos esqueletos inumados foram registadas em fichas de campo antropológicas individuais, sendo atribuída uma numeração identificativa a cada enterramento. Cada enterramento foi fotografado planimetricamente e em pormenor (casos particulares de patologias, espólio associado e alterações tafonómicas) e desenhado à escala 1/10. Para além da descrição dos gestos funerários praticados, das alterações tafonómicas observadas e do estado de conservação do material ósseo, o registo antropológico no terreno incluiu a medição do comprimento do esqueleto (quando completo), assim como a obtenção de medidas de alguns ossos importantes para a caracterização morfométrica dos esqueletos, diagnose sexual dos indivíduos adultos (quando possível), determinação da categoria etária e registo paleopatológico mais evidente.

Após a geo-referenciação das peças ósseas e de outros elementos importantes no contexto arqueológico, estas foram exumadas e embaladas individualmente em sacos plásticos perfurados devidamente etiquetados. Posterior a esta individualização procedeu-se a uma separação por enterramento/ossário e ao seu armazenamento em contentores.

4.2. Resultados

4.2.1. Práticas Funerárias

Para além da crença religiosa e da sua relação com a morte, os gestos funerários refletem as relações sócio-culturais dos indivíduos da comuni-

dade a que pertenciam, permitindo compreender o significado e a variabilidade dos comportamentos funerários. Por esse motivo, durante o trabalho de campo é necessário fazer uma distinção entre gestos funerários intencionais e fenômenos tafonômicos resultantes da intervenção de agentes naturais. Em termos gerais, a sepultura é definida como o local onde o cadáver foi enterrado de forma não intencional. É durante a escavação arqueológica que é identificada a posição e localização de cada elemento esquelético em relação ao conjunto de todos os constituintes da sepultura e a posição do esqueleto pode ajudar a verificar se se trata ou não de uma inumação intencional (Mays, 1998). A maioria das sepulturas intervencionadas estava localizada na nave com inumações primárias e evidências de remeximentos, redução ou reutilização. Este fator foi determinante no estado de preservação das inumações primárias, apresentando-se estas, regra geral, incompletas, com muitas alterações tafonômicas e em mau estado de preservação. Em muitos casos, os limites sepulcrais encontram-se parcialmente destruídos, o que leva a supor que não existiria um conhecimento exato acerca da localização das mesmas.

Quanto à tipologia, a maioria das sepulturas apresentava-se escavada no solo ou no substrato geológico, com caixão. Em alguns casos verificou-se existência de uma camada vegetal na zona da cabeceira, de forma a altear a cabeça do indivíduo quando deposto dentro do caixão. O crânio do indivíduo primário da S11 apresentava diversas alterações tafonômicas resultantes do contacto com a referida camada vegetal.

Nas inumações passíveis de serem observadas, todos os indivíduos foram depositados em decúbito dorsal e regra geral com o crânio sobre o occipital. As variações verificadas são indubitavelmente associadas a modificações post mortem (devidas à ação da fauna e/ou humana, ou ainda consequência do processo de esquelização, que leva à cedência dos tecidos moles e consequentemente à desarticulação de alguns ossos). Os gestos funerários dos membros inferiores variam entre esticados e paralelos entre si, a fletidos num



Figura 34. Crânio do indivíduo primário da S11.

ângulo agudo, enquanto os membros superiores encontravam-se, por norma, fletidos sobre o abdômen ou tórax.

4.2.2. Tafonomia e preservação

O grau de preservação do material osteológico influi grandemente na nossa capacidade para interpretar o passado, constituindo um obstáculo, quando o mesmo é reduzido. A qualidade da informação que se pode obter a partir dos restos ósseos humanos é assim inversamente proporcional ao seu estado de degradação.

O material da série em estudo caracteriza-se, em relação ao grau de preservação, por uma grande heterogeneidade. Alguns esqueletos, embora incompletos, encontravam-se, bem preservados, contrastando estes com amostras, cuja fragilidade se denotava ao toque e dos quais foi impossível retirar qualquer tipo de informação. Adicionalmente, verificou-se que nem todos os ossos do esqueleto surgiam igualmente representados, o que poderá ser justificado pelo facto de diferentes partes do esqueleto denotarem índices de sobrevivência diferentes, face à destruição compreendida pelo ambiente em que são depositados (Mays, 1998). Nos esqueletos relativamente bem preservados, as alterações tafonômicas mais comuns são a erosão e o desgaste da superfície do osso.

4.2.3. Dados Paleodemográficos

O estudo dos padrões de natalidade e mortalidade utilizando como medidas, a idade e o sexo (principais parâmetros paleodemográficos), são os indicadores biológicos que melhor refletem o sucesso adaptativo das populações. A credibilidade de qualquer reconstrução demográfica, tendo subjacente o esqueleto humano, depende assim de uma boa estimativa da idade à morte e do sexo, mas existem condicionantes a essa reconstrução. Para que o estudo amostral possibilite uma reconstrução demográfica que reflita em certa medida as condições de vida, saúde, bem-estar, os padrões de mobilidade e atividade das populações ancestrais, a amostra tem de ser representativa da população da qual foi retirada, o que nem sempre acontece. Deste modo, a credibilidade na reconstrução da vida das populações do passado, utilizando para isso, evidências esqueléticas, depende não apenas da qualidade do material, mas também da quantidade.

De todas as características biológicas, a idade e o sexo são sem dúvida os mais identificadores, desempenhando um papel de relevo na organização sociocultural dos grupos humanos, influenciando nomeadamente na posição que os indivíduos ocupam nos grupos. Estes dois indicadores são, assim, de utilidade fulcral para uma melhor compreensão das populações humanas do passado, na medida em que fornecem pistas para aceder à composição etária e distribuição dos sexos, dois elementos essenciais na análise paleodemográfica e paleopatológica dessas mesmas comunidades. O facto de se identificarem enterramentos de homens, mulheres e crianças distribuídos por todas as classes etárias permite inferir que não se está perante populações seleccionadas mas sim populações naturais.

4.2.4. Diagnose Sexual

A identificação do sexo no esqueleto baseia-se fundamentalmente em diferenças relacionadas com o tamanho e forma dos ossos. São várias as partes do esqueleto humano que podem ser utilizadas nesta análise. Embora a pélvis e o crânio sejam os ossos a que mais frequentemente se recorre por serem os que apresentam um maior

dimorfismo sexual, em muitos casos, o estado de degradação do material ósseo não permite a utilização destes ossos, obrigando o investigador a recorrer a tipos de ossos menos fiáveis mas mais facilmente preservados, como o *talus*, o calcâneo, os ossos longos e os dentes.

Para a diagnose sexual, e dado o elevado estado de fragmentação do material osteológico, recorreu-se a vários métodos, entre morfológicos e métricos.

No que se refere aos métodos morfológicos, recorreu-se aos métodos propostos por Ferembach *et al.* (1979) para a análise morfológica do crânio e osso ilíaco. Para o *talus* procedeu-se à utilização de métodos de cariz métrico desenvolvido por Silva (1995:107-120), tentando sempre que possível recorrer a metodologias criadas com base em populações portuguesas.

No decurso da investigação, foram essencialmente dois os obstáculos que condicionaram a aplicação dos métodos de diagnose sexual, prendendo-se o primeiro com o estado de fragmentação dos esqueletos. Em alguns esqueletos foi mesmo impossível chegar a qualquer conclusão devido à fragmentação elevada. O segundo obstáculo tem subjacente o facto de alguns esqueletos se encontrarem incompletos.

Da observação do gráfico 1 depreende-se que a amostra constituída por 26 esqueletos adultos exumados, e que integra a análise da diagnose sexual, é composta, em 23% dos casos, por indivíduos do sexo masculino (n=6) e em 19% (n=5) dos casos, por indivíduos do sexo feminino. Nos restantes 58%, a diagnose sexual foi inconclusiva. Apesar do reduzido universo amostral, tudo indica que estamos perante uma população heterogénea com percentagens idênticas na proporção sexual.

4.2.5. Estimativa da idade à morte

A diagnose sexual e a estimativa da idade à morte caminham em sentidos opostos no que diz respeito à fiabilidade da sua determinação. Enquanto parece existir uma proporcionalidade direta entre o alcance da maturidade morfológica e uma diagnose sexual credível, para a estimativa

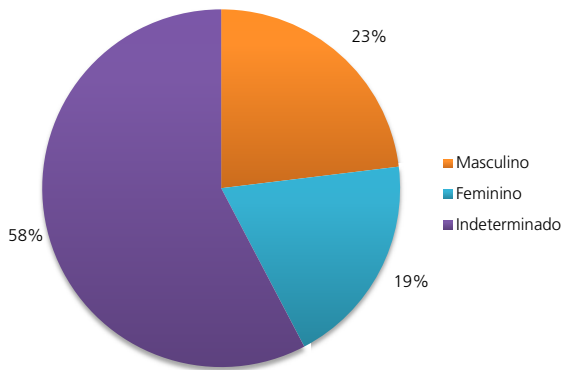


Gráfico 1. Distribuição sexual das inumações primárias de adultos.

da idade à morte ocorre o inverso, uma vez que à medida que a idade vai avançando torna-se muito mais difícil determinar com exatidão a idade à morte em esqueletos. Perante isto dir-se-á que a estimativa da idade à morte é mais credível em indivíduos não adultos do que indivíduos adultos.

Uma primeira abordagem à presente série indicou que as 32 inumações primárias distribuem-se por 27 adultos e 5 não adultos. Infelizmente, devido ao elevado estado de fragmentação do material, não se pôde determinar a idade à morte a 18 esqueletos adultos, cerca de 67%.

Devido à grande amplitude de cada um dos intervalos etários considerados para cada indivíduo, e de forma a cometer o menor erro possível, os resultados obtidos foram agrupados em classes etárias de 10 anos, com início nos 20 anos até aos 49. A partir dos 50 anos os indivíduos não foram agrupados por classes etárias (considerando-se apenas como idade superior a 50 anos), visto que a partir desta etapa a estimativa da idade à morte torna-se cada vez menos fiável.

Pelo gráfico 3, e considerando apenas os indivíduos que permitiram uma estimativa etária, pode depreender-se uma clara predominância do grupo etário dos indivíduos com idade entre os 30 e os 40 anos, correspondendo a 18% (n=5) do total dos indivíduos adultos.

Os casos que permitiram uma estimativa da idade à morte mais precisa reportam-se a não adultos, onde as metodologias utilizadas foram

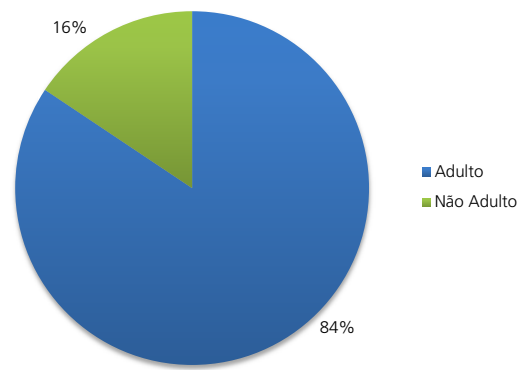


Gráfico 2. Proporção etária das inumações primárias.

a cronologia de união das epífises à metáfises (Ubelaker, 1989), o comprimento dos ossos longos (Stloukal e Hanakova, 1978:53-69) e a análise da calcificação e erupção dentárias (Ubelaker, 1978). A análise do gráfico 4 revela a inexistência de indivíduos não adultos com idade à morte entre os 2 e os 6 anos. Adicionalmente, verifica-se que a maioria dos não adultos (40%) seria de tenra idade aquando da morte (6 - 9 meses). (Graf.4)

4.2.6. Análise Paleopatológica

O estudo das enfermidades nas populações do passado é fundamental para compreender a história e a geografia das doenças, bem como a sua evolução ao longo do tempo, mas também para entender a interação que existe entre estas e os processos culturais e avaliar o seu efeito no crescimento e desenvolvimento dos ossos. Em qualquer análise paleopatológica é preciso ter em consideração que os ossos são uma fonte limitada de informação, isto porque, apesar de vários tipos de doença (como as lesões traumáticas e condições crónicas) deixarem vestígios visíveis no osso, há uma panóplia de condições patológicas que só afeta os tecidos moles do corpo (Campillo, 1993; Roberts e Manchester, 1995).

Além disso, regra geral, a maioria das lesões patológicas evidenciadas nos ossos não estão relacionadas com a causa de morte dos indivíduos. Salvo muito raras exceções, o antropólogo não determina uma causa de morte com base nos remanescentes ósseos. No entanto, algumas das

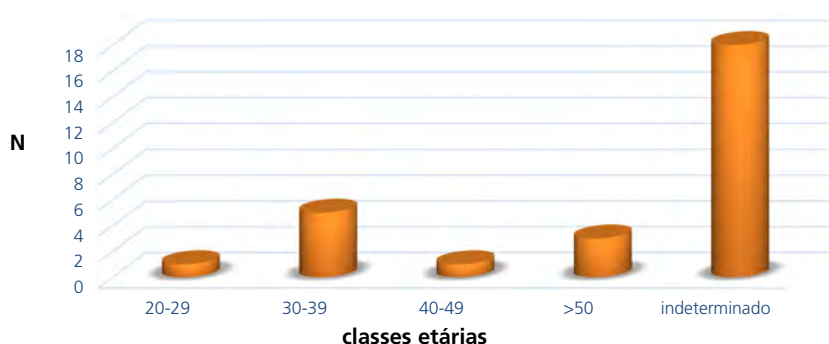


Gráfico 3. Distribuição dos indivíduos adultos por classes etárias.

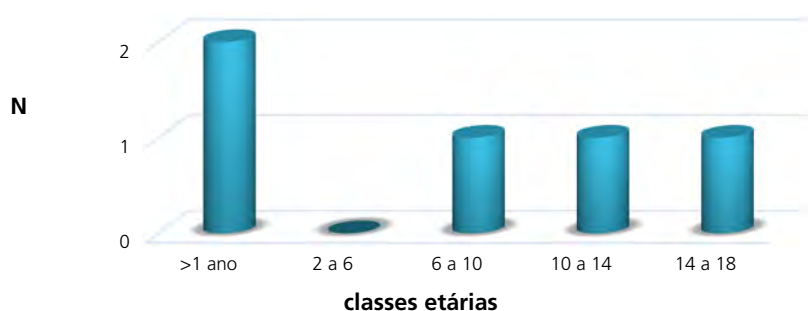


Gráfico 4. Distribuição dos indivíduos não adultos por classes etárias.

patologias observadas podem ter interferido no estilo de vida do seu portador. Desta forma, é comum afirmar-se que o estudo das populações pré-teritas fornece mais informações acerca do modo de vida dos indivíduos do que acerca da causa da sua morte (Campillo, 1993; Mays, 1998).

Como o material osteológico aqui analisado ainda não foi estudado em laboratório, no presente artigo fazemos referência a alguns casos paleopatológicos documentados em campo. A nível ósseo, foram identificadas lesões pontuais de natureza traumática, infecciosa, degenerativa articular e não articular, para além de eventuais episódios de stresse. No que concerne à patologia infecciosa destaca-se um caso de osteomielite invulgar, não só pela sua exuberância, mas por se localizar na mandíbula do indivíduo primário da S27, tendo possivelmente origem no agravamento de um abscesso.

A osteomielite é definida como uma reação inflamatória que se estende através da cavidade medular e, em muitos casos, do osso cortical. Poderá surgir por invasão direta do osso, por

traumatismo ou cirurgia, por extensão da infeção dos tecidos moles adjacentes ou, ainda, ser proveniente de um foco de infeção de qualquer outro local do organismo, propagando-se por via sanguínea. Durante o processo inflamatório que origina a osteomielite, ocorre necrose do tecido ósseo, dando lugar a uma infeção grave, acompanhada pela formação de um abscesso, cheio de pus, no interior do osso. Devido à pressão cada



Figura 35. Osteomielite com cloaca e infeção ativa na mandíbula do indivíduo primário da S27.



Figura 36. Evidências de fratura com mau alinhamento na tíbia e perônio direito do indivíduo da S11.

vez maior do pus, este abscesso vai penetrando gradualmente no osso compacto, até que se origina um dreno para os tecidos moles adjacentes, ao qual se dá o nome de “cloaca”.

Na amostra do templo foi detetado apenas um caso de lesão traumática, no indivíduo primário da S11. Este indivíduo do sexo masculino, com cerca de 36 anos de idade à morte, apresenta evidências de fratura na tíbia e perônio direitos com mau alinhamento e consequente *callus* ósseo exuberante, o que provocou um encurtamento do membro inferior direito.

A patologia oral é concomitante com as doenças degenerativas, a doença com maior representação no registo arqueológico (Roberts e Manchester, 1995). Esta representatividade deve a sua origem à estrutura rígida e robusta dos dentes, que potencia a sua preservação, tornando-os veículos de insubstituível importância quando se pretende analisar e perscrutar um pouco da vida dos nossos antepassados, principalmente no que toca, aos seus hábitos alimentares e práticas preparatórias dos elementos, hábitos de higiene oral, cuidados médicos, etc.

A nível oral registaram-se várias condições patológicas em campo, tais como cáries, paradontopatia, granulomas, depósitos de tártaro e perda de dentes *antemortem*, sendo o caso mais severo o indivíduo primário da S27.

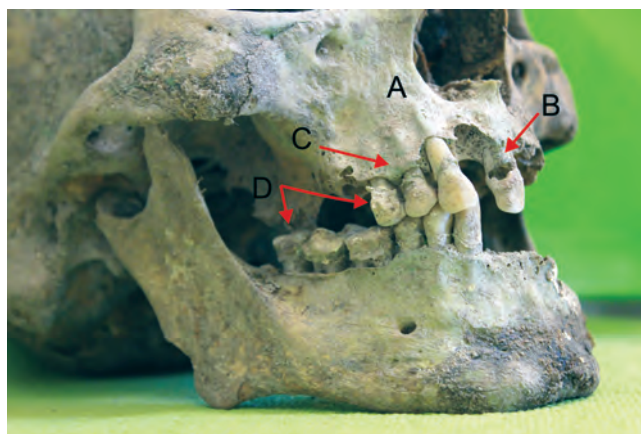


Figura 37. Patologia dentária severa no indivíduo primário da S27, com abscesso (a), cáries (b), perda de dentes antemortem, doença periodontal (c) e presença de tártaro (d).

5. Conclusões

Os resultados da intervenção arqueológica permitiram atestar a intensa utilização cemiterial do espaço ao longo de mais de três séculos, sobretudo durante o século XIX, facto que obliterou muitos dos vestígios associados aos primitivos enterramentos. Ainda assim, muito embora o universo das sepulturas escavadas remeta boa parte do espólio exumado (numismas, medalhas, crucifixos, contas de terço, etc.) para o século XVIII e XIX, a deteção de sepulturas escavadas no saibro, com forma antropomórfica, ainda com vestígios das inumações primárias, bem como o registo de diversos buracos de poste, selados por enterramentos datados do primeiro quartel o século XVIII, e perfilados ao longo das paredes laterais da nave, indiciam, claramente, a presença de vestígios associados ao momento de edificação e utilização inicial do espaço, que, comprovadamente, recua, se não mais, pelo menos ao século XVII.

Foram identificados sete silhares iconografados, sendo dois deles de particular interesse. No primeiro é perceptível o contorno de uma vieira, símbolo dos romeiros de Santiago, e no segundo, para além de uma sigla de pedreiro, uma cruz de Santiago. Embora estes dados sugiram a reutilização da pedra provenientes de espaços ligados ao culto e à peregrinação a Santiago, não resulta

claro a sua proveniência do anterior templo, de raiz medieval, cuja localização, a memória coletiva, situa no antigo lugar (*villa*) de Paredes Secas (atuais lugares do Relógio e do Reino). De resto, pouco se sabe sobre o edifício medieval que aí poderá ter existido. Segundo Carvalho da Costa, *Santiago de Lostosa foy Mosteiro, que reedificou a Rainha Dona Theresa, & he sagrado (...)* (Costa, 1706:380), no entanto, a primeira referência documental à Igreja Paroquial de Lustosa, surge-nos apenas nos primórdios do século XIII, nas Inquirições Afonsinas de 1220 (PMH, Inq. 1220:71, 260) e 1258 (PMH, Inq. 1258:560), onde a mesma aparece referida, respetivamente, como *Sancto Jacobo de Lestosa* e *Sancti Jacobi de Listosa*. A antiguidade do orago é indiscutível, trata-se de Tiago “Maior” filho de Zebedeu e Salomé, pescador, irmão de João, o evangelista, e um dos quatro primeiros discípulos de Jesus. Desta forma, e uma vez que o culto de Santiago se difundiu rapidamente por todo o noroeste Peninsular a partir da Galiza, no século IX, altura em que supostamente as relíquias do Santo teriam sido descobertas em Compostela, existe a probabilidade de estarmos perante um templo cuja origem poderá radicar no final da Alta Idade Média, numa possível edificação monástica, desaparecida quando Lustosa se tornou paróquia. As referências à Igreja de Lustosa são escassas nos anos subsequentes, mas um documento inédito de 9 de junho de 1515, publicado em 2002 por Isabel Morgado, a propósito das comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho, onde se dá conta que durante a tomada de posse *auctual e real dos fructos e rendas* que haviam sido apropriados para a constituição das comendas novas da Ordem de Cristo, durante o reinado de D. Manuel I, o reitor da *Igreja Paroquial de Santiago de Lestosa*, Antão Ferraz, contrariou essa tomada de posse, apresentando documentos que comprovavam os seus direitos de padroeiro, revela uma faceta quotidiana do templo. O testemunho do corregedor Rui Fernandes, incumbido de percorrer as comarcas do Entre-Douro-e-Minho para tomar posse dos rendimentos nas novas comendas, descreve assim a ação do reitor que, em obtestação, fez *hy requerimento que deu per escripto cuja conclusom he*

que elle e seus irmaaos erom verdadeiros padroeiros da dicta egreja ysentamente e que ella pertencia ao padroado deles e que se el rey nosso senhor fora enformado nom seria de sua teençom mandar tomar a dicta posse e mostrando sentenças e escripturas do dito padroado e com este se meteo dentro e çarrou as portas da egreja a contrariar a posse (Morgado, 2002:66-67).

A realização das sondagens de avaliação do potencial arqueológico no interior do edifício confirmou a existência de sepulcros, tendo revelado um total de 56 sepulturas. Destas, 45 foram integralmente escavadas. As restantes 12 foram detalhadamente registadas, não tendo sido, porém, alvo de qualquer tipo de ação intrusiva. As sondagens realizadas no interior do edifício permitiram ainda identificar 5 buracos de poste escavados no geológico granítico natural, aparentemente relacionados com a fase construtiva da Igreja, nomeadamente com a fixação de andaimes em madeira.

No exterior do edifício a execução das sondagens de avaliação permitiu, igualmente, identificar sepulcros, ainda que em muito menor número, num total de 7. Destes, apenas 2 foram escavados, tendo os restantes sido identificados e registados sem recurso a escavação. Ainda decorrente dos trabalhos realizados no exterior da Igreja, foram identificadas três estruturas – estrutura [507], estrutura [607] e estrutura [811]. Estas estruturas correspondem a pequenos troços de muros identificados, respetivamente, na envoltura das paredes sul e este da capela-mor e na parede norte da nave. A constatação da anterioridade destas estruturas murais face à igreja, mormente à capela-mor, bem como a técnica construtiva empregue na sua edificação, sugere tratar-se de vestígios associados a construções vernáculas (e.g. muros de delimitação, dependências agrárias), existentes no local à data da edificação do templo, no século XVII. Finalmente, em consequência dos trabalhos de acompanhamento arqueológico no adro da igreja, foram identificadas mais 3 inumações – S64, S65 e S66 – cujas ações de salvaguarda consistiram em ações de limpeza, definição e registo gráfico.

5. Bibliografia

5.1. Documentos impressos

ADP_ Arquivo Distrital do Porto – *Livro de Registo Parochial da Freguezia de Lustosa. 1622-1633; 1888; 1898.*

COSTA, A.C. (1706) - *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens. Tomo primeyro.*

PMH_ *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones (1220, 1258).* Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 1888-1897.

PMHDC_ *Portugaliae Monumenta Histórica, Diplomata et Chartae.* Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Vol.3. Doc. n.º CCCCXX. 1888.

5.2. Estudos

ALMEIDA, C. A. F. (1995) – *Patrimonium.* Inventário da Terra de Sousa. Concelhos de Felgueiras, Lousada e Paços de Ferreira. [CD-ROM]. Porto: Edição Etnos, Lda.

BARROCA, M. J. (1987) – *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV).* Dissertação para Provas Públicas de Capacidade Científica, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.

CAMPILLO, D. (1993) – *Paleopatologia: los primeros vestigios de la enfermedad.* Barcelona: Fundación Uriach.

CAPELA, V. MATOS, H. e BORRALHEIRO, R. (2009) – *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758.* Memórias, História e Património.

FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I. e STOUKAL, M. (1979) – *Recommandations pour déterminer l'âge et le sexe sur le squelette.* Bull. et Mém. de la Soc. D'Anthrop. de Paris. T.6. Serie XIII, p.7-45.

GOMES, P. e Arruela, M.J. (1996) – *Lousada, Terra Prendada.* Paços de Ferreira: Anégia Editores.

LEMOES, P. e NUNES, M. (2012) – *Igreja Paroquial de São Tiago Maior de Lustosa (Lousada) - Sondagens de avaliação arqueológica.* Projeto de Recuperação da Igreja Paroquial de Lustosa. Relatório Preliminar. (Policopiado).

LOPES, E.T. (2004) – *Lousada e as suas freguesias na Idade Média.* Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

MAYS, S. (1998) – *The Archaeology of Human Bones.* London. Routledge.

MOREIRA, D.A. (1971a) – *Freguesias da Diocese do Porto. Elementos onomásticos Altomedievais.* In *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto.* Porto. XXXIV: 1-2, p.19-149.

MOREIRA, D.A. (1971b) – *Freguesias da Diocese do Porto. Elementos onomásticos Altomedievais.* In *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto.* Porto. XXXIV: 3-4, p.336-417.

MORGADO, I.L. (2002) – As comendas novas da Ordem de Cristo no Entre-Douro-e-Minho, p.43-71, In *I Congresso sobre a Diocese do Porto (1998) - Tempos e lugares de memória: homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*. Porto: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão.

NUNES, M.; SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2008) – *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

NUNES, M.; LEMOS P. (2013) – *Lustosa: Património e Identidade*. Junta de Freguesia de Lustosa. Lousada, pp.1-236.

PINHO-BRANDÃO, D. (1984) – *Obra de Talha Dourada, Ensamblagem e Pintura na Cidade e na Diocese do Porto. Documentação séculos XV a XVII*. Vol. I. Porto: Governo Civil do Porto, Câmara Municipal do Porto; Centro de Estudos Humanísticos.

ROBERTS, C.A. e MANCHESTER, K. (1995) – *The archaeology of disease*. Stroud: Sutton.

SILVA, A.M. (1995) – Sex assesement using the calcaneus and talus. *Antropologia Portuguesa* 13, p.107-120.

STLOUKAL, M. e HANAKOVA, H. (1978) – *Die Länge der Längsknochen alt slawischer Bevölkerungen unter besonderer Berücksichtigung von Wachstumsfragen*, Homo 26, p. 53-69.

UBELAKER, D. (1978) – *Human Skeletal Remains: Excavation, Analysis, Interpretation*. Aldine Manuals on Archeology.

UBELAKER, D. (1989) – *Human Skeleton Remains: Excavation, Analysis, Interpretation*. 2nd Edition. Washington. Taraxacum.

VIEIRA, J.A (1887) – *O Minho Pittoresco: Louzada*. II. Lisboa, p.353-376.

5.3. Cartografia

CARTA MILITAR DE PORTUGAL: Folha 99 [Material cartográfico] Serviços Cartográficos do Exército - Escala 1:25.000. Série M888 - Lisboa: S.C.E., 1979/1998.